

Funai ouve índios e CSN sobre estrada

4968
José Humberto Fagundes

Ilha do Bananal (GO) — A construção da rodovia Transaraguaia, cujo traçado previsto corta o Norte do Parque Indígena do Araguaia e liga os vales dos rios Xingu e Araguaia, será o tema principal dos encontros que o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai), Jurandy Fonsêca, manterá hoje à tarde no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF) e no Conselho de Segurança Nacional.

Ele quer saber por que foram iniciados os estudos para a construção dessa estrada — "eu peguei o bonde andando" — e o que pensa o IBDF a respeito. O Instituto detém 1/3 da Ilha do Bananal e exatamente no ponto onde suas terras se limitam com as do Parque é que a rodovia seria construída. Depois da reunião no IBDF, Jurandy vai ao Conselho de Segurança Nacional, que teria participado da decisão sobre a estrada. De posse das informações colhidas nesses dois órgãos, o presidente da Funai irá propor uma mesa-redonda, com a participação da comunidade indígena, pois considera fundamental ouvir a opinião dos índios.

Dependendo do grau de aculturação (que ele também pretende levantar) das tribos residentes ao Norte do Parque, Jurandy Fonsêca condenaria a construção da Transaraguaia, que poderia provocar desequilíbrios na região. Ele pensa em tomar conhecimento também dos aspectos puramente técnicos, já que, de acordo com informações dos habitantes da área, a estrada não resistiria à primeira enchente do ano.

Questionado se um dos objetivos da Transaraguaia não seria atender a interesses particulares — conforme a versão corrente em São Félix do Araguaia, um dos beneficiários seria o superintendente da Sudeco, René Pompeo de Pina, que tem uma fazenda no município de Santa Terezinha — o presidente da Funai descartou essa possibilidade, considerando-a uma especulação, e ressaltou que em todos os documentos a que teve acesso sobre o assunto está evidente que o objetivo seria atender a região.



ESN/Pedro José

Ao dar posse ao novo diretor do Parque (terceiro da esquerda para a direita), Jurandy Fonsêca garantiu apoiá-lo

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Jornal de Brasília

Class.:

112

Data:

19/06/84

Pg.:

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Journal de Brasília Class.: 1984

Data: 19/06/84 Pg.: (cont.)

Situação irreversível

Jurandy Fonsêca não alimenta qualquer plano de permanência à frente da Funai, depois de encerrado seu mandato em 1985. Com a mudança de governo, certamente tudo irá mudar, raciocina ele. O grande mérito de sua administração, que mal começou, será no entanto o de criar uma situação irreversível, segundo ele próprio admite, impossibilitando o não-reconhecimento da participação indígena no processo. Ele tem esperanças de que o próximo presidente da Funai desenvolva um trabalho mais ou menos semelhantes ao seu, com a participação da comunidade indígena.

A Funai é hoje um órgão, talvez até o único, que realmente promoveu uma ampla abertura democrática em sua administração, conforme ressaltou Jurandy. Acabaram-se as restrições a entidades como o Conselho Indigenista Missionário (Cimi), Associação Nacional de Apoio ao Índio (Anai) e Associação Brasileira de Antropologia, (ABA), lembra ele. "Só impomos a autoridade da Funai, a quem cabem as decisões, mas estamos inteiramente abertos à colaboração dessas entidades".

Índios auto-suficientes

Desde o domingo de manhã, o Parque Indígena do Araguaia tem novo administrador. Como parte da política agora desenvolvida pela Funai, assumiu a direção do Parque (um milhão e 400 mil hectares aproximadamente) o índio Daniel Coxini, da nação Karajá, indicado pelas próprias comunidades. Ele garante que os indígenas do Parque têm condições de ser auto-suficientes financeiramente, e passar a contar apenas com o apoio administrativo do órgão tutelar.

Apesar de Coxini ser acusado de servir aos órgãos de informações do governo, durante o período em que viveu em Brasília, ele representa para as comunidades da Ilha do Bananal a esperança de solução de seus problemas, e sua posse foi motivo de festa no Posto de Santa Isabel do Morro. Simples, mas bem articulado, Coxini quer resolver de imediato a questão do arrendamento de terras aos brancos e incentivar a formação de mão-de-obra profissional indígena.

Ele garante que os pequenos posseiros pagam sem causar problemas as taxas de arrendamento, mas que os grandes e ricos fogem a essa responsabilidade. E, por trás desses grandes, que não seriam nem posseiros, mas fazendeiros, o novo diretor do Parque assegura que existem "gerais e políticos", e que a Funai não dispunha de meios de cobrar essas dívidas, porque até a nomeação de Jurandy Fonsêca sempre teve uma imagem terrivelmente desgastada.

Coxini quer que o dinheiro proveniente desses arrendamentos seja aplicado exclusivamente em benefício das comunidades indígenas do Parque, como manda o bom senso, e que não fique mais retido em Brasília, a exemplo do que ocorria antes. Ele agora vai realizar um levantamento da atual situação financeira do Parque, com o objetivo de orientar os gastos de sua administração e também para apurar as acusações que os índios fazem ao ex-diretor Paulo Moreira, de malversação de recursos.